

Para a fama de sua virtude: a representação de Jasão no *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*

For the fame of his virtue: the representation of Jason in the *Epitome* of the Philippic History of Pompeius Trogus

JÉSSICA FRUTUOSO MELLO / CHARLENE MARTINS MIOTTI¹ (Universidade Federal de
Juiz de Fora – Brasil)

Abstract: The representations Jason received throughout the Greek and Latin literary tradition allowed the hero to assume many facets, but when the aspects pertaining to the end of his relationship with Medea are considered, he is often characterized as fickle. Bearing this in mind, we propose an analysis of his construction in the *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*, a work dating back to the first centuries of our era. We argue that the narrative of his return to Colchis with the purpose of giving back the throne to Aeetes could present him as a model of virtue to the reader of Justin's text.

Keywords: Jason; Justin; *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*; *exemplum*.

Ainda que a figura de Jasão compareça em múltiplas narrativas da Antiguidade, a exemplo da caçada do javali de Cálidon², é no episódio da busca pelo velocino de ouro que recebe papel central e, por consequência, um maior número de representações. Essa empreitada foi abordada por diversos autores em diferentes gêneros, com textos que se dedicam inteiramente a ela, como suas versões épicas em grego por Apolônio de Rodes e em latim por Valério Flaco, assim como obras que abrangem um número maior de temas, como a *Biblioteca* de Apolodoro e as *Metamorfoses* de Ovídio. Dado o grande número de variantes que sobreviveram, incluindo aquelas que o fizeram apenas de modo imagético em objetos³ — um espelho e um amuleto, por exemplo —, existem elementos

Texto recebido em 28.04.2021 e aceite para publicação em 07.12.2021.

¹ jessicafrutuoso.m@gmail.com / charlene.miotti@letras.ufjf.br.

² O herói é posto entre os que caçaram o javali por Apolodoro (*Bibl.* 1.8.2) e Ovídio (*Met.* 8.302).

³ Como nem sempre é possível identificar com certeza a figura, há a possibilidade de que Jasão esteja representado na boca da serpente ou dragão que guarda o velocino em pelo menos cinco objetos, a mais clara em uma cílio do século V AEC – LIMC – “Jason” 32. É tema de debate se o herói teria sido inteiramente engolido e regurgitado cf. MACKIE (2001) 11 e SPENCE (2011) 89. Desconhece-se uma versão literária dessa variante.

que diferem de uma para outra, como os perigos enfrentados nas viagens de ida e de retorno da Cólquida, assim como as características do próprio herói.

Em linhas gerais, Jasão é enviado à Cólquida por Pélias, rei de Iolco, que teme que o herói o mate para obter o trono (sendo Jasão filho de Easão, irmão de Pélias) e, por isso, deseja que ele morra ao longo da viagem. Lá, deve recuperar o velocino de ouro e, só então, retornar. Para cumprir esse objetivo, cerca de cinquenta dos melhores heróis gregos se unem e embarcam na nau Argo, enfrentando perigos até chegar ao reino bárbaro. Então, Jasão precisará da ajuda de Medeia, princesa e feiticeira, para superar as provas impostas pelo rei Eetes⁴ para a devolução do velocino, trazido aos colcos como um presente de Frixo. A princesa deixará sua terra natal junto aos heróis, e seu irmão, que os persegue buscando trazê-la de volta, será assassinado. Em Iolco, Pélias é morto por suas filhas devido a um engano que Medeia orquestra, e ela e o herói são exilados, partindo para Corinto, onde Jasão contrai novas bodas, decisão que leva ao assassinato dos próprios filhos.

Os episódios finais da história de Jasão se tornam célebres em tragédias, mesmo que não se circunscrevam a elas. Eurípides apresenta sua versão com centralidade em Medeia, e é imputada ao herói uma série de adjetivos negativos⁵. Processo semelhante se dá em Ovídio — o qual também tivera sua *Medeia*, hoje quase inteiramente perdida — que permite, em suas *Heroides*, não só a Medeia se dirigir a Jasão, mas também a Hipsípile, rainha de Lemnos⁶,

⁴ As provas são: jungir os touros que cospem fogo, arar o campo de Ares/Marte, plantar os dentes de dragão que o rei lhe entregara e, consequentemente, derrotar o exército que nasceria deles. Eetes não faz menção à serpente ou dragão que guarda o carvalho em que o velocino está pendurado, mas esse também é um perigo que o herói precisa superar. Embora, comumente, o herói receba filtros mágicos de Medeia para vencer as provas do rei, o modo como lida com a serpente é variável, podendo o herói matá-lo (como ocorre na quarta *Pítica* de Píndaro) ou ter a ajuda de Medeia, normalmente, para adormecê-la (como em Apolônio de Rodes, Apolodoro e Ovídio). Em Lícofron, a serpente é morta por Diomedes, quando, após acordar e se ver espoliada, persegue o casal (Lyc., 630-632).

⁵ Pode-se citar, por exemplo, “marido abominável” (κατάρατον πόσιν E., Med. 163-164) e “pai indigno” (πατήρ οὐδὲν προτιμᾷ E., Med. 342-343).

⁶ Por castigo de Afrodite/Vênus, as mulheres de Lemnos haviam matado quase todos os homens da cidade, tendo sobrevivido apenas o pai de Hipsípile que a então princesa envia para longe. Os argonautas aportam na ilha e passam um longo período de tempo junto às mulheres, garantindo descendência ao povo.

a quem o herói prometera o retorno, sendo, assim, representado do ponto de vista de duas mulheres abandonadas. O poeta também narra a Argonáutica em suas *Metamorfoses* com um enfoque em Medeia, sendo a viagem de ida dos argonautas resumida em oito versos⁷ para então detalhar o desabrochar do amor da feiticeira por Jasão e suas consequências, como o rejuvenescimento de Éson, pai de Jasão, e a morte de Pélias. Entretanto, os assassinios orquestrados pela feiticeira em Corinto são resumidos em apenas quatro versos⁸.

De maneira diversa, Sêneca, em sua versão de *Medeia*, garante a Jasão maior espaço, ainda que o enfoque permaneça na feiticeira. Desse modo, por exemplo, há a caracterização do herói em seu casamento, e Sêneca apresenta Jasão como um pai zeloso, que, ameaçado por Acasto, filho de Pélias, teme por si e por seus filhos, encontrando uma saída segura apenas nas bodas com a princesa de Corinto⁹. Com isso, acentua-se a preocupação do herói com sua

⁷ *Iamque fretum Minyae Pagasaea puppe secabant, / perpetuaque trahens inopem sub nocte senectam / Phineus uisus erat, iuuenesque Aquilone creati / uirgineas volucres miseri senis ore fugarant, / multaque perpessi claro sub Iasone tandem / contigerant rapidas limosi Phasidos undas. / Dumque adeunt regem Phrixaeque vellera poscunt / lexque datur Minyis magnorum horrenda laborum*, (Ov., *Met.* 7.1-8); “Os Mínias sulcavam já o mar na nau de Págasa. / Arrastando uma desvalida velhice encerrada em noite perpétua, / Fineu havia sido visitado. Os jovens filhos do Aquilão haviam / afugentado da face do infeliz ancião as aves com cabeça de donzela. / Depois de muitas desventuras, sob o comando de Jasão, / haviam finalmente alcançado as rápidas águas do lamacento Fásis. / Visitam o rei e pedem-lhe o velo de ouro de Frixo, mas ele impõe / aos descendentes de Mínias um número de terríveis e incomensuráveis / tarefas. [...]” (trad. D. L. DIAS).

⁸ *Sed postquam Colchis arsit noua nupta uenenis, / flagrantemque domum regis mare uidit utrumque, / sanguine natorum perfunditur impius ensis, / ultaque se male mater Iasonis effugit arma*. (Ov., *Met.*, 7.394-397); “Mas, depois de a nova esposa de Jasão ser consumida pelos venenos / da Cólquida e de ambos os mares contemplarem o palácio real a arder, / a sua ímpia espada banhou-se no sangue dos filhos / e, depois de os vingar, esta horrenda mãe escapou às armas de Jasão.” (trad. D. L. DIAS)

⁹ [...] *si mori nollem, fide / misero carendum, non timor uicit fidem, / sed trepida pietas: quippe sequeretur necem / proles parentum, sancta si caelum incolis / Iustitia, numen inuoco ac testor tuum: / nati patrem uicere. quin ipsam quoque, / etsi ferox est corde nec patiens iugi, / consulere natis malle quam thalamis reor. / constituit animus precibus iratam aggredi*. (Sen., *Med.* 436-444). “[...] Para não morrer, tinha de esquecer / a fidelidade, oh desditoso! Não foi o medo que venceu a minha fidelidade / mas o amor de pai alarmado: a seguir à morte dos pais, viria / certamente a da minha descendência. Ó Justiça sagrada, se habitas / o céu, invoco e chamo como testemunha o teu poder divino: / os filhos queridos venceram o pai. Até a própria mãe, / embora de

descendência, que não seria exilada junto à mãe, como ocorre em Eurípides – o que a ele é inconcebível. O amor paterno demonstrado por Jasão e que inspira a vingança de Medeia¹⁰ faz com que, ao ter, ao final da tragédia, um de seus filhos assassinado diante de seus olhos, a situação de Jasão seja miserável, tendo perdido o que tentara preservar.

Comumente, após esses acontecimentos, há a morte de Jasão¹¹, seja por suicídio¹², seja por acidente¹³, e Medeia parte para Atenas, onde é acolhida por Egeu, até que atenta contra a vida de Teseu, seu enteado, e sofre novo exílio. Há, contudo, em Justino, uma versão redentora para o herói que não aparece em outros autores.

Não foram legadas muitas informações a respeito de Justino além daquelas que constam em seu próprio texto. Mesmo seu nome é tema de debate, já que ocorre, em dois manuscritos, no genitivo, *Iuniani Iustini*, gerando dúvidas se seria *Iunianius* ou *Iunianus*. Desses dois, apenas um manuscrito apresenta o M. que indicaria *Marcus*¹⁴. Processo semelhante ocorre com sua datação. ARNAUD-LINET (2003) propõe que o autor teria escrito sob Constâncio II, no século IV de nossa era, dado o interesse que havia na época por obras de teor his-

coração selvagem e avessa ao jugo, / penso que haveria de preferir olhar pelos filhos / em vez do casamento. [...]” (trad. A. A. A. de SOUSA).

¹⁰ **Med.** [...] *liberos tantum fugae / habere comites liceat in quorum' sinu / lacrimas profundam. te noui nati manent. / Ias. Parere precibus cupere me fateor tuis; / pietas uetat: namque istud ut possim pati, / non ipse memet cogat et rex et socer. / haec causa uitae est, hoc perusti pectoris / curis leuamen. spiritu citius queam / carere, membris, luce. / Med. Sic natos amat? / bene est, tenetur, uulneri patuit locus.* (Sen., *Med.* 541-550). “**Medeia:** [...] Só quero poder ter a companhia / dos meus filhos no exílio, para no seu regaço / derramar lágrimas; a ti esperam-te novos filhos. / **Jasão:** Confesso que desejaria satisfazer o teu pedido; / mas o amor paternal impede-mo: isso é coisa que não poderia suportar, / nem mesmo que ele, rei e sogro, me obrigasse. / Esta é a minha razão de viver, este é o consolo de um / coração consumido de aflições. Mais rapidamente poderia / ficar sem ar, sem membros, sem luz. / **Medeia:** aparte Ama assim tanto os filhos?! / Está bem, já o apanhei, descobri-lhe o ponto fraco.” (trad. A. A. A. de SOUSA).

¹¹ Em Higino, Jasão morre, antes de seus filhos, no incêndio junto a sua noiva e seu sogro (*Fab.* 25.3).

¹² Diodoro Sículo aponta que Jasão teria cometido suicídio devido à dor causada pelo castigo da perda de seus filhos (D. S. 4.55.1).

¹³ Na *Medeia* de Eurípides, a feiticeira profetiza que o herói morrerá porque uma parte da nau Argo irá lhe ferir a frente (*Med.* 1386-1388).

¹⁴ Cf. ARNAUD-LINET (2003).

tórico. Já YARDLEY (1994), baseado na análise do estilo e na pouca evidência interna, sugere uma datação anterior, situada ao final do século II, início do século III EC. Com alguma certeza, pode-se considerar apenas que Justino teria escrito antes do século V, uma vez que Jerônimo cita seu nome no *Comentário a Daniel*¹⁵.

Justino foi responsável por um epítome¹⁶ da obra de Pompeio Trogo, as *Histórias Filípicas*, composta por quarenta e quatro capítulos e hoje perdida¹⁷. Em seu prefácio — uma espécie de carta endereçada a um leitor não nomeado que deveria corrigir o trabalho¹⁸ —, tendo elogiado a dedicação de Trogo¹⁹, Justino justifica sua empreitada:

¹⁵ *Ad intelligendas autem extremas partes Danielis, multiplex Graecorum historia necessaria est: Sutorii uidelicet Callinici, Diodori, Hieronymi, Polybii, Posidonii, Claudii, Theonis, et Andronici cognomento Alipii, quos et Porphyrius esse secutum se dicit, Iosephi quoque et eorum quos ponit Iosephus, praecipueque nostri Liuii, et Pompeii Trogi, atque Iustini, qui omnem extremae uisionis narrant historiam;* “Para compreender a parte final de Daniel, é necessária a vasta historiografia dos gregos: Sútório (naturalmente Calínico), Diodoro, Jerônimo, Posidônio, Claudio Téon e Andrônico, de sobrenome Alípio, aos quais também Porfírio disse haver seguido; e também a Josefo e aqueles aos quais cita, particularmente a nosso Lívio, a Pompéio Trogo e a Justino, todos os quais narram a história correspondente à última visão.” (Hier., in Dan. PL 25 494A, trad. L. C. MALUF).

¹⁶ As traduções da obra de Justino são de nossa responsabilidade e foram realizadas a partir do texto fonte proposto por ARNAUD-LINET (2003).

¹⁷ Pompeio Trogo também escrevera uma obra intitulada *De animalibus* (*Sobre os animais*), que se perdeu igualmente. Parte das obras de Pompeio Trogo sobrevive por meio do texto de Justino — embora não se possa dizer em que medida o texto foi alterado — e nas possíveis citações de outros autores.

¹⁸ 5 *Quod ad te non cognoscendi magis quam emendandi causa transmisi, simul ut otii mei, cuius et Cato reddendam operam putat, apud te ratio constaret.* 6 *Sufficit enim mihi in tempore iudicium tuum: apud posteros, cum obtrectationis inuidia decesserit, industriae testimonium habituro.* (Just., Prae. 5-6); “5 E enviei [minha obra] para ti, não tanto para seres mais bem informado, quanto como pretexto para ser corrigido, ao mesmo tempo para que, junto de ti, estivesse segura a razão de meu ócio, cujo trabalho, como Catão supõe, merece recompensa. 6 De fato, para mim basta teu juízo em algum momento: o testemunho do trabalho haverá de ser mantido junto aos que vêm depois, quando a inveja difamatória tiver cessado.”.

¹⁹ 1 *Cum multi ex Romanis etiam consularis dignitatis uiri res Romanas Graeco peregrinoque sermone in historiam contulissent, seu aemulatione gloriae siue uarietate et nouitate operis delectatus uir priscae eloquentiae, Trogus Pompeius, Graecas et totius orbis historias Latino sermone composuit, ut, cum nostra Graece, Graeca quoque nostra lingua legi possent: prorsus rem magni et animi et corporis adgressus!* (Just., Prae. 1); “1 Embora muitos dos romanos, mesmo os da

4. Então, destes quarenta e quatro volumes [...] escolhi de cada um, durante o ócio em que na cidade estávamos vivendo, os fatos mais dignos ao conhecimento e, deixados de lado esses que não eram necessários conhecer nem por boa vontade, nem pelo exemplo, fiz por assim dizer uma breve antologia, de maneira que os que tivessem estudado em grego, tivessem onde se lembrar, e os que não tivessem estudado, onde se instruir²⁰.

A ideia de uma narrativa calcada no uso de *exempla*, um modelo de conduta, é uma constante na historiografia romana, e seu uso pode ser justificado quando se observa, por exemplo, que Cícero²¹ considerava a história como mestra da vida²². Também Quintiliano considera que a história é matéria a ser lida por um orador, desde que se considere que o objetivo dessa é narrar e consolidar a memória e a fama posteriores de um talento, sem, necessariamente, um compromisso com a exatidão²³.

categoria de cônsul, tivessem reunido, para história, os fatos romanos em grego e em idioma estrangeiro, Pompeio Trogo, um homem de eloquência venerável, ou atraído pela variedade e a novidade nos trabalhos, ou mesmo pela emulação da glória, reuniu as histórias gregas e do mundo todo em língua latina, de maneira que, já que a nossa história pode ser lida em língua grega, a grega também pudesse ser lida em nossa língua, empreendendo, em suma, uma obra com grande ânimo e corpo.”.

²⁰ 4 Horum igitur quattuor et quadraginta uoluminum [...], per otium quo in Vrbe uersabamur, cognitione quaeque dignissima excerpsi, et omissis his, quae nec cognoscendi uoluptate iucunda nec exemplo erant necessaria, breue ueluti florum corpusculum feci ut haberent et qui Graece didicissent, quo admonerentur, et qui non didicissent, quo instruerentur. (Just., Prae. 4).

²¹ Historia uero testis temporum, lux ueritatis, uita memoriae, magistra uitae, nuntia uetustatis, qua uoce alia nisi oratoris immortalitati commendatur?; “Quanto à História, testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da Antiguidade, que outra voz confia à eternidade, se não a do orador?” (Cic., *De or.* 2.36, trad. A. SCATOLIN).

²² Cf. BALMACEDA (2019) 70.

²³ 31 historia quoque alere oratorem quodam uberi iucundoque suco potest; uerum et ipsa sic est legenda, ut sciamus, plerasque eius uirtutes oratori esse uitandas. est enim proxima poetis et quodammodo carmen solutum, et scribitur ad narrandum non ad probandum, totumque opus non ad actum rei pugnamque praesentem, sed ad memoriam posteritatis et ingenii famam componitur [...] (Quint., *Inst.* 10.1.31); “31 A história, por sua vez, pode também alimentar o orador, como se fosse por uma qualidade de seiva ricamente nutritiva e saborosa. No entanto, também ela precisa ser lida de tal modo que saibamos que muitas de suas especificidades devem ser evitadas pelo orador. É, seguramente, próxima aos poetas e, em certa medida, um poema em prosa; é escrita para narrar, não para provar; é um tipo de obra que, na sua totalidade, se compõe não para o concretizar de um fato e para um combate imediato, mas para a memória da posteridade e para a fama de uma genialidade. [...]” (Trad. A. Martinez de REZENDE).

Segundo LANGLANDS (2018) 8, os *exempla* são utilizados na literatura latina de modo a dar a oportunidade ao leitor de entender uma virtude e se inspirar a emulá-la, ou, no caso de um vício, dele se afastar. Quanto à virtude, é representada em uma figura central, a qual é capaz de colocar o bem da comunidade acima de seu interesse pessoal²⁴, levando a capacidade humana aos seus limites ao realizar um ato notável²⁵.

Ao longo da obra de Justino, a utilização dos *exempla* pode ser observada no episódio positivo de Cinegiro, cuja virtude é destacada:

16 A glória de Cinegiro, um soldado ateniense, foi igualmente celebrada pelos louvores dos escritores. 17 Ele, após inúmeras matanças em combate, como os inimigos fugitivos tivessem se lançado às naus, reteve com a mão direita uma nau carregada e não a deixou ir antes que perdesse a mão; 18 naquele momento, com a direita amputada, agarrou a nau com a esquerda, e, como tivesse perdido esta igualmente, deteve a nau, até o fim, com os dentes. 19 Existiria nele tanta virtude que, não fatigado por tantas matanças, nem vencido pelas duas mãos perdidas, mutilado, teria combatido até o fim com os dentes assim como um raivoso animal selvagem²⁶. (Just., 2.9.16-19).

E no negativo de Xerxes ao ser comparado com Artemísia:

22 Enquanto isso, o rei [Xerxes], como um espectador do combate, permanece no litoral com parte das naus. 23 No entanto, Artemísia, rainha de Halicarnasso, que viera em auxílio de Xerxes, animava mais encarniçadamente a guerra entre os primeiros comandantes. 24²⁷ Certamente que assim era visto o temor feminino em um homem, como a audácia masculina em uma mulher²⁸. (Just., 2.12.22-24).

Dos quarenta e quatro capítulos do epítome, que se estendem de Nino, rei dos assírios, até Augusto derrotando os hispânicos, a história de Jasão se

²⁴ Cf. LANGLANDS (2018) 29-33.

²⁵ Cf. *ibid.* 46.

²⁶ 16 *Cynegiri quoque, militis Atheniensis, gloria magnis scriptorum laudibus celebrata est, 17 qui, post proelii innumeras caedes, cum fugientes hostes ad naves egisset, onustam nauem dextra manu tenuit nec prius dimisit quam manum amitteret; 18 tunc quoque amputata dextera, nauem sinistra comprehendit, quam et ipsam cum amisisset, ad postremum morsu nauem detinuit. 19 Tantam in eo uirtutem fuisse, ut non tot caedibus fatigatus, non duabus manibus amissis uictus, truncus ad postremum et ueluti rabida fera dentibus dimicauerit.* (Just., 2.9.16-19).

²⁷ O texto fonte proposto por ARNAUD-LINDET não apresenta a divisão da linha 24. Segue-se a proposição dos textos de WETZEL (1823) e SEEL (1972).

²⁸ 22 *Interea rex uelut spectator pugnae cum parte nauium in litore remanet. 23 Artemisia autem, regina Halicarnasi, quae in auxilium Xerxi uenerat, inter primores duces bellum acerrime ciebat, quippe ut in uiro muliebrem timorem, ita in muliere uirilem audaciam cerneret.* (Just., 2.12.22-4).

insere no quadragésimo segundo, quando Justino narra a guerra levada por Mitrídates, o Grande, a Artoadistes²⁹, rei da Armênia, o que lhe motiva a retornar a origem do local³⁰. Este teria sido fundado por Armênio, o qual acompanhara Jasão durante a busca pelo velocino de ouro. Assim, inicia-se uma digressão dedicada a relatar as motivações da viagem e seus desdobramentos:

10 Com efeito, foi fundada por Armênio, companheiro do tessálio Jasão, o qual, como o rei Pélias o desejasse destruído devido a sua ilustre virtude, perigosa a sua autoridade, ordena-lhe partir para Cólquida em uma expedição pressagiada e trazer a pele do carneiro famosa entre os povos, esperando a morte do varão, ou por causa dos perigos de tão longa navegação, ou por causa da guerra de tão profunda barbárie. 11 Então, divulgada a expectativa de tão gloriosa expedição, como os príncipes da juventude de quase todo o mundo afluíssem a ele, Jasão reúne um exército dos mais fortes varões, que foram chamados de Argonautas³¹. (Just., 42.2.10-11).

Ainda que o autor tenha considerado que a fundação da Armênia seria um episódio importante, mesmo Armênio é apenas brevemente citado. Quando Justino termina a narrativa sobre Jasão, dá alguma informação geográfica sobre

²⁹ Segundo OVERTOOM (2020) 259, a identidade de Artoadistes é questionável. É possível que Justino, na verdade, esteja se referindo a Artavasdes I, o que indicaria, pela datação, para o fato de que o autor teria confundido Mitrídates I e II; ao mesmo tempo, entretanto, Mitrídates I, provavelmente, teria lutado contra os selêucidas, não contra os armênios cf. *ibid.* 259-60. Dadas as dificuldades em relação à passagem, o estudioso conclui: “[O texto de Justino] deve ser utilizado apenas para demonstrar que Mitrídates II lutou uma guerra vitoriosa contra a Armênia. Deve-se procurar outra fonte para reconstruir os detalhes desse conflito.”; “It only should be utilized to demonstrate that Mithridates II fought a successful war against Armenia. One must look elsewhere to reconstruct the events of this conflict.” OVERTOOM (2020) 260.

³⁰ 6 *Ad postremum Artoadisti, Armeniorum regi, bellum intulit. 7 Sed quoniam in Armeniam transitum facimus, origo eius paulo altius repetenda est. 8 Neque enim silentio tantum regnum praeteriri fas est, cum fines eius post Parthiam omnium regnorum magnitudinem superent, (Just., 42.2.6-8); “6 Por fim, [Mitrídates] levou guerra a Artoadistes, rei dos armênios. 7 Mas, como fazemos a passagem para Armênia, a origem remota deles deve ser um pouco lembrada. 8 Na verdade, não é justo ser passado em silêncio tão grande reino, visto que as suas fronteiras superem a extensão de todos os reinos depois da Pártia, [...]”.*

³¹ 10 *Condita est autem ab Armenio, Iasonis Thessali comite, quem cum perditum propter insignem periculosamque regno suo uirtutem Pelias rex cuferet, denuntiata militia in Colchos abire iubet pellemque arietis memorabilem gentibus reportare, sperans interitum uiri aut ex periculis tam longae nauigationis aut ex bello tam profundae barbariae. 11 Igitur Iason diuulgata opinione tam gloriosae expeditionis, cum ad eum certatim principes iuuentutis totius ferme orbis concurrerent, exereitum fortissimorum uirorum, qui Argonautae cognominati sunt, conparauit. (Just., 42.2.10-11).*

o local e retorna diretamente à história dos reis partas, informando a expulsão de outro Mitridates após a guerra³², de maneira que, considerando sua proposição no prefácio, o destino de Jasão é digno de lembrança dada a forma como é apresentado, ao contrário dos detalhes da origem da Armênia. Esse tratamento pode ser justificado quando se considera que, conforme aponta BORGNA (2014) 63, pela construção da obra, o interesse de Justino estaria ligado ao caráter humano da narrativa histórica, de modo que o autor dá grande espaço, por exemplo, às reações humanas diante dos diversos acontecimentos narrados, em contraposição àquele reduzido ocupado pelos conflitos bélicos em si. Além disso, seu texto torna-se confuso, principalmente quando se sucedem reis de mesmo nome, dado que o autor não apresenta seus epítetos —os quais estariam presentes no texto de Trogo³³—, como ocorre na passagem destacada com Mitridates.

Justino aborda uma versão do mito de Jasão que coloca a viagem (*tam gloriosae expeditionis*) como consequência direta de sua virtude (*insignem uirtutem*), como o fazem Píndaro anterior a Trogo³⁴ e Valério Flaco, posterior, ao contrário da variante que o apresenta chegando a um banquete sem uma

³² Perceba-se que, antes da história de Jasão, Justino se referia a Mitridates II, enquanto aqui, a Mitridates IV, irmão de Orodes II, conforme se pode atestar pela continuação do texto. “8 Armenius quoque, et ipse Thessalus, unus de numero ducum Iasonis, recollecta multitudine, quae amisso Iasone rege passim uagabatur, Armeniam condidit, 9 a cuius montibus Tigris fluiuius modicis primo incrementis nascitur; interiecto deinde aliquanto spatio sub terras mergitur, atque ita post quinque et XX milia passuum grande iam flumen in regione Sophene emergit ac sic in paludes Euphratis recipitur. 4, 1 Igitur Mithridates, rex Parthorum, post bellum Armeniae propter crudelitatem a senatu Parthico regno pellitur. 2 Frater eius Orodes, cum regnum uacans occupasset, Babylo-niam, quo Mithridates confugerat, diu obsidet et fame coactos in deditionem oppidanos compellit.”; “8. Armênio — um dos numerosos chefes de Jasão e ele próprio tessálio — reunida uma multidão que vagava em desordem devido à perda do rei Jasão, também fundou a Armênia, 9. de cujas montanhas, nasce, no início, o rio Tigre: de crescimento modesto oculta-se sob as terras por grande intervalo de tempo, e assim, depois de vinte e cinco mil passos, o rio emerge já grande na região de Sofene e assim é recebido nos pântanos do Eufrates. 4, 1. Então, Mitridates, rei dos partas, é expulso do reino pelo senado parta, após a guerra da Armênia, devido a sua crueldade. 2. Como tivesse ocupado o trono vacante, seu irmão Orodes sitia a Babilônia, onde Mitridates refugiara-se, durante muito tempo, e compele os cidadãos, coagidos pela fome, à rendição.” (Just., 42.3.8-4.2).

³³ Cf. BORGNA (2014) 62.

³⁴ Assim como a de Justino, a datação de Pompeio Trogo não é precisa, ainda que limitada a um espaço menor de tempo. Conforme expõe CASTRO SÁNCHEZ (2008) 25-6, os estudiosos se dividem entre o final do século I AEC e início do I EC.

sandália, como em Apolônio de Rodes, fazendo, desse modo, com que a empreitada parta de um atributo de Jasão e não de um acidente ou desejo de vingança de Hera/Juno³⁵. Justino continua:

12 Como tivesse reconduzido [o exército] incólume com muitos feitos ilustres, foi de novo expulso com grande animosidade da Tessália pelos filhos de Pélias, junto à ingente multidão – a qual confluía diariamente vinda de todos os povos para a fama de sua virtude – e acompanhado da esposa Medeia, a qual ele acolhera rejeitada por causa da miséria do segundo exílio, e de Medo, seu enteado, gerado de Egeu, rei dos atenienses, retornou aos colcos e restituiu, ao reino, seu sogro Eetes expulso³⁶. (Just., 42.2.12).

O texto não traz menção ao assassinio de Pélias, destacando apenas a realização de grandes feitos pelo herói (*cum magnis gestis*) e sua virtude como algo capaz de atrair pessoas para junto de si. Também não há referência às mortes em Corinto, ainda que se deixe claro que o herói acolhe Medeia após seu segundo exílio. Perceba-se que a virtude que inspira o medo de Pélias (*insignem periculosamque regno suo uirtutem*) no início da narrativa do episódio é mais uma vez demarcada, desta vez como atrativa às pessoas que se reúnem junto ao herói (*ad famam uirtutis confluebat*).

Um retorno de Medeia à Cólquida acompanhada pelo filho, mas sem Jasão, é algo abordado por Diodoro (D. S. 4.56.1), Apolodoro (*Bibl.* 1.9.28) e Higino (*Fab.* 26.3 e 27), e o de Jasão aparece em Tácito (*Tac., Ann.* 6.34), por exemplo, com o herói tomando o trono em benefício próprio. Contudo, Justino apresenta um aspecto redentor à volta do herói ao reino:

3.1 Depois, para esquecer a ofensa [a Eetes] da expedição anterior, na qual abduzira a filha dele, Medeia, e matara-lhe o filho Egialeu³⁷, executou grandes guerras aos povos vizinhos e parte das cidades tomadas ajuntou ao reino do sogro, e parte atribuiu aos povos

³⁵ Em Apolônio de Rodes, Jasão, quando rumava a um banquete organizado por Pélias, perde uma sandália ao atravessar um rio por intervenção de Hera, a qual o herói carregara nas costas durante a travessia. A deusa pretende utilizá-lo como instrumento de sua vingança por se sentir desonrada, já que o rei não realizara um sacrifício em sua homenagem (A.R 3.55-75). Esse elemento também aparece em Higino, na fábula 13.

³⁶ *12 Quem cum magnis rebus gestis incolumem reduxisset, rursum a Peliae filiis Thessalia magna ui pulsus cum ingenti multitudine, quae ad famam uirtutis eius ex omnibus gentibus cotidie confluebat, comite Medea uxore, quam repudiatam miseratione exilii rursum receperat, et Medo, priuigno ab Aegeo, rege Atheniensium, genito, Colchos repetiuit socerumque Aetam regno pulsum restituit. (Just., 42.2.12).*

³⁷ Comumente, o irmão de Medeia é chamado de Absirto.

que aduzira consigo, 2 e é dito ser o primeiro dos humanos a ter dominado essa região do orbe, depois de Hércules e Liber, que teriam sido, segundo a tradição, reis do Oriente. 3 Designou Recas e Anfistrato, aurigas de Pólux e Castor, chefes de alguns desses povos. 4 Cunhou uma aliança com os albanos, os quais, diz-se, terem seguido Hércules para fora da Itália, desde o monte Albano, quando, morto Gerião, ele conduzia seus bois através da Itália, e [os albanos] lembrados das origens italianas, saudaram como irmãos o exército de Cn. Pompeio na Guerra Mitridática³⁸. 5 E assim, quase todo Oriente estabeleceu honras divinas e templos para Jasão, como seu fundador, os quais, após muitos anos, Parmênio, um chefe de Alexandre, o Grande, ordenou destruir, para que nenhum outro nome fosse venerado como o de Alexandre. 6 Depois da morte de Jasão, Medo, émulo de sua virtude, fundou a cidade Média em honra a sua mãe e estabeleceu o reino dos Medos, a partir de seu nome, sob cuja autoridade esteve depois o império do Oriente³⁹. (Just., 42.3.1-6).

Comumente, a parte final do relacionamento de Jasão e Medeia é aquela que culmina no fim de seus filhos, e garante ao herói o papel de referente para a infidelidade, como pode ser observado em Propércio⁴⁰, Ovídio⁴¹

³⁸ Refere-se à III Guerra Mitridática, conflito entre Mitridates IV Eupátor, rei do Ponto, e o Império Romano, ocorrido de 74 a 63 AEC cf. SPENCE (2002) 226-7.

³⁹ 3.1 *Magna deinde bella cum finitimis gessit captasque ciuitates partim regno soceri ad abolendam superioris militiae iniuriam, qua filiam eius Medeam abduxerat et filium Aegialeum interfecerat, adiunxit, partim populis, quos secum adduxerat, adsignauit 2 primusque humanorum post Herculem et Liberum, qui reges Orientis fuisse traduntur, eam caeli plagam domuisse dicitur. 3 Populis quibusdam Rhecam et Amphistratum, aurigas Castoris et Pollucis, duces adsignauit 4 Cum Albanis foedus percussit, qui Herculem ex Italia ab Albano monte, cum Geryone extincto armenta eius per Italiam duceret, secuti dicuntur, quique memores Italicae originis exercitum Cn. Pompei bello Mithridatico fratres salutauere. 5 Itaque Iasoni totus ferme Oriens ut conditori diuinos honores templaque constituit, quae Parmenion, dux Alexandri Magni, post multos annos dirui iussit, ne cuiusquam nomen in Oriente uenerabilius quam Alexandri esset. 6 Post mortem Iasonis Medus aemulus uirtutis eius in honorem matris Mediam urbem condidit regnumque ex nomine suo Medorum constituit, sub cuius maiestate Orientis postea imperium fuit.* (Just., 42.3.1-6).

⁴⁰ *Colchida sic hospes quondam decepit Iason: / eiecta est (tenuit namque Creusa) domo.* (Prop., 2.21.11-2), “Assim o hóspede Jasão burlou a Cólquide / e ela perdeu seu lar para Creúsa.” (Prop., 2.21.11-2, trad. G. G. FLORES); *iam tibi Iasonia nota est Medea carina / et modo seruato sola relicta uiro.* (Prop., 2.24.45-6, trad. G. G. FLORES), “De Medeia já sabes que seguiu Jasão / e abandonada foi após salvá-lo.” (Prop., 2.24.45-6, trad. G. G. FLORES).

⁴¹ *Colchida respersam puerorum sanguine culpant / [...] / Ultraque saeua parens, sed tristibus utraque causis / lactura socii sanguinis ulta uirum. / Dicite, [...] quis uos inritet Iason* (Ov., Am. 2.14.29-33), “Medeia, essa feroz, que os filhos extermina, / [...] / Mas ambas essas mães, horror da natureza, / Podiam motivar sua brutal fereza: / Banhavam, para exemplo a esposo infieis, / No sangue da sua prole as suas mãos cruéis... / Mas em vós, que Jasão? [...]” (trad. A. Feliciano de CASTILHO); [...] *et quod male gratus Iason* (Ov., Am., 2, 18, 23), “[...] súplicas / Ao

e Marcial⁴². Entretanto, Justino apresenta Jasão como aquele que se apieda de sua esposa rejeitada e retorna à Cólquida não para tomar o poder, mas para restituí-lo ao rei deposto, de maneira a reparar as faltas (*ad abolendam iniurium*) que cometera quanto ao rapto da filha e ao assassinato do filho⁴³ de Eetes. Assim, é possível considerar que Jasão se redime de uma de suas faltas enquanto herói: o rapto de uma mulher sem a tomada de sua cidade. Em Valério Flaco, por exemplo, em que Jasão apresenta, de modo geral, uma caracterização positiva, essa atitude faz com que receba o título de pirata (*praedo*) da mãe de Medeia⁴⁴ e de Absirto⁴⁵, em uma alusão a Páris⁴⁶. Em Justino, Jasão é colocado como um líder e guerreiro eficiente, capaz de domar territórios que antes não o foram por simples humanos (*primus humanorum*) — note-se então a capacidade humana levada a seus limites — e, também, de conceder liderança, o que lhe garante, até a chegada de Parmênio, honras divinas, processo que não é, habitualmente, atribuído ao herói. Por conseguinte, ao contrário de uma referência de infidelidade, Jasão passa a modelo de virtude, o qual inspirará seu enteado (*aemulus uirtutis eius*), e, por extensão, o leitor.

pérfido Jasão;" (trad. A. Feliciano de CASTILHO); *Phasida iam matrem fallax dimisit Iason: / Venit in Aesonios altera nupta sinus*. (Ov., *Ars am.* 3.3.33-4), "De Medeia já mãe Jasão se arranca aos braços, / e de novo himeneu pérfido estreita laços." (trad. A. Feliciano de CASTILHO).

⁴² *Vicini pete porticum Quirini: / Turbam non habet otiosiore / Pompeius uel Agenoris puella, / Vel primae dominus levis carinae*. (Mart., *Epig.* 9.1.9-12); "Procura o pórtico do vizinho Quirino: / Não possuem uma turba mais ociosa / Nem Pompeu nem a filha de Agenor, / Nem o frívolo capitão da primeira nau." (trad. L. R. LEITE).

⁴³ Cf. diferentes versões, o responsável pelo assassinato de Absirto pode ser tanto Medeia, como ocorre em Lícfron (Lyc., 1316-1321), quanto Jasão, como em Higino (Hyg., *Fab.*, 23).

⁴⁴ [...] *uellem unguibus uncis / ut uolucris possem praedonis in ipsius ora / ire ratemque supra claroque reposcere cantu / quam genui. Albano fuit haec promissa tyranno, / non tibi; nil tecum miseri pepigere parentes, / Aesonide; non hoc Pelias euadere furto / te iubet aut ullas Colchis abducere natus*. (V. Fl., 8, 150-156); "[...] Oxalá pudesse ir / Co'afiadas unhas, qual uma ave, até o ladrão / E sobre o mar, chamar com claro canto aquela / A quem gerei. Foi prometida ao rei albano / E não a ti: não pactuarão contigo os pais, / Ó Esônio, não te ordena Pélias evadire / Furtivamente, nem raptares colcas virgens." (trad. M. M. GOUVÊA JÚNIOR).

⁴⁵ *puppe (nefas) una praedo Phrixea reportat / uellera; qua libuit remeat cum uirgine; nobis / (o pudor) et muros et stantia tecta reliquit*. (V. Fl., 8.267-269); "Nefas, no barco o ladrão leva o velocino / Co'a virgem que assim quis e nos deixou — que horror — / Intactas casas e a cidade. [...]" (trad. M. M. GOUVÊA JÚNIOR).

⁴⁶ Cf. MELLO (2019) 137.

Embora na lírica, a representação de Jasão seja negativa, em solo romano e nos gêneros considerados elevados, o herói passa por um processo de romanização. Em Sêneca, seus filhos deveriam permanecer junto ao pai, que colocará sua descendência acima do juramento feito a Medeia, mesmo assim sendo castigado pela quebra da *fides*. Em Valério Flaco, será um herói comparável a Hércules, sendo líder e guerreiro. Entretanto, se, em Flaco, não se perde de vista o destino trágico do herói⁴⁷, e, em Sêneca, este se concretiza, em Justino, Jasão é posto como alguém de virtude admirável, capaz de redimir as faltas cometidas em outras versões.

Referências

- APOLLONIUS R. (1912), *Argonautica*. Ed. George W. Mooney. Londres, Longmans, Green.
- APOLODORO (2013), “Biblioteca”. Trad. Luiz Alberto Machado CABRAL: CABRAL, L. A. M. (2013), *A Biblioteca do Pseudo Apolodoro e o estatuto da mitografia*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270758>. Acesso em: 28 fev. 2018.

⁴⁷ Cf. *ibid.* 59-63. Dentre as referências, uma das mais completas aparece nas portas do templo de Apolo na Cólquida: *clamantemque procul linquens regina parentem. / urbs erat hinc contra gemino circumflua ponto, / ludus ubi et cantus taedaeque in nocte iugales / regalique toro laetus gener: ille priorem / deserit; ultrices spectant a culmine Dirae. / deficit in thalamis turbataque paelice coniunx / pallam et gemmiferae donum exitiale coronae / apparat ante omnes secum dequesta labores. / munere quo patrias paelex ornatur ad aras / infelix, et iam rutilis correpta uenenis / implicat igne domus. haec tum miracula Colchis / struxerat Ignipotens nondum noscentibus, ille / quis labor, aligeris aut quae secet anguibus auras / caede madens; odere tamen uisusque reflectunt. / Quin idem Minyas operum defixerat error, / cum se Sole satus patriis penetralibus infert. / filius hunc iuxta primis Absyrtus in annis, / dignus auo quemque insontem meliora manerent.* (V. Fl., 5, 441-458); “E a princesa que, ao longe, ao pai, que a chama, deixa. / Havia a vila circundada por dois mares / E, à noite, festa, canto, tochas conjugais / E, em leito régio, um genro alegre; ele abandona / A prima esposa: as vingadoras Fúrias veem-no. / No leito esmaia aquela, irada pela amásia, / E os dons fatais — coroa ornada e manto — apronta / Após queixar-se pelos todos sofrimentos. / No pátrio altar a triste amásia, co’os presentes, / Orna-se e, presa de venenos rutilantes, / Arde o palácio. Estes prodígios esculpira / Vulcano aos Colcos, que inda ignoram qual empresa / Aquela seja, ou quem co’as serpes corta os ares / Lançando a morte: eles odeiam e os não olham. / O mesmo engano ante o lavor prendera os Mínias / Quando no pátrio templo entrou o do Sol nascido; / Com ele, Absirto, o jovem filho que, inocente, / Digno do avô, sorte melhor ter deveria;” (trad. M. M. Gouvêa Júnior).

- ARNAUD-LINDET, M.-P. (2003), "Introduction": JUSTINUS, Marcus Julianus. *Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée*. Tradução para o francês, notas e texto estabelecido por Marie-Pierre ARNAUD-LINDET. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/index.html>. Acesso em: 16 set. 2014.
- Balmaceda, C. (2019), "História exemplar: a competição na Historiografia Romana": *História da Historiografia* – International Journal of Theory and History of Historiography, 12.29 (2019). Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1398>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- BORGNA, A. (2014), "Uno sguardo originale intorno a Roma: Pompeo Trogo e Giustino": *La Biblioteca di CC 1* (2014) 52-77. Disponível em: <https://www.classicocontemporaneo.eu/PDF/116.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2020.
- CASTRO SÁNCHEZ, J. (2008), "Introducción": JUSTINO; POMPEYO TROGO (2008), *Epítome de las "Historias Filípicas" de Pompeyo Trogo; Prólogos; Fragmentos*. Introdução, tradução e notas de José Castro Sánchez. Madrid, Gredos, 7-54.
- CHARPENTIER, J.-P. (1922?), "Étude Nouvelle sur Justin": JUSTINO, M. J. (1922?), *Oeuvres complètes de Justin: Abrégé de L'Histoire Universelle de Trogue Pompée*. Tradução para o francês de Jules PIERROT e E. BOITARD. Paris, Librairie Garnier Frères, XIII-XXVII.
- DIODORO de S. (2004), *Biblioteca Histórica: libros IV-VIII*. Tradução para o espanhol e notas de Juan José TORRES ESBARRANCH. Madrid, Gredos.
- DIODORUS S. (1888-1890), *Diodori Bibliotheca Historica*. v. 1-2. Ed. Immanuel BEKKER, Ludwig DINDORF e Friedrich VOGEL. Leipzig, Teubner.
- EURÍPIDES (2010), *Medeia*. Trad. Trajano VIEIRA. São Paulo, Editora 34.
- FLACCUS, V. C. (1913), *C. Valeri Flacci Setini Balbi Argonauticon Libri Octo*. Leipzig, Teubner.
- FLACO, G. V. (2010), *Cantos Argonáuticos*. Trad. Márcio Meirelles GOUVÊA JÚNIOR. Lisboa, Centro de estudos clássicos e humanísticos.
- HIGINO (2013), "Fábulas". Trad. Diogo Martins ALVES: ALVES, D. M. (2013), *Ciclos Mitológicos nas Fabulae de Higino: tradução e análise*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 105-248. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270796/1/Alves_Diogo_Martins_M.pdf. Acesso em: 01 mar. 2018.
- JERÔNIMO (2009), "Comentário a Daniel": MALUF, L. C. (2009). *Daniel no antro das ninfas: um estudo sobre o desafio de Porfírio ao status profético das*

- revelações daniélicas e sobre a réplica de Jerônimo. Brasília, Universidade de Brasília. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_c36e961575c89ccc6dbe1cf1db27144c. Acesso em: 12 jun. 2020.
- JUSTINUS, M. J. (2003), *Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée*. Tradução para o francês, notas e texto estabelecido por Marie-Pierre ARNAUD-LINET. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/index.html>. Acesso em: 05 jun. 2014.
- JUSTINUS, M. J. (1823), *Justini Historiarum Philippicarum ex Trogo Pompeu Libri XLIV*. Texto estabelecido por Johann Christian Friedrich WETZEL. Paris, Lemaire. Disponível em: http://reader.digitale-sammlungen.de/en/fs3/object/display/bsb10247384_00670.html. Acesso em: 21 set. 2015.
- JUSTINUS, M. J. (1972), *Epitoma historiarum Philippicarum Pompei Trogi; Accedunt prologi in Pompeium Trogum*. Ed. Otto SEEL. Stuttgart, B. G. Teubner. Disponível em: <http://digiliblt.lett.unipmn.it/opera.php?id=DLT000321&gruppo=opere&iniziale=all#>. Acesso em: 29 set. 2015.
- LANGLANDS, R. (2018), *Exemplary ethics in ancient Rome*. Cambridge; New York, Cambridge University Press.
- LÍCOFRON (2017), *Alexandra*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo, Editora 34.
- MACKIE, C. J. (2001), "The Earliest Jason: what's in a name?": *Greece & Rome* 48 (2001) 1-17. Disponível em: www.jstor.org/stable/826866. Acesso em: 30 set. 2018.
- MARCIAL (2008), "Epigramas". Trad. Leni Ribeiro Leite: LEITE, L. R. (2008), *O universo do livro em Marcial*. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/pgclassicas/tese_Leni%20Ribeiro%20Leite.pdf. Acesso em: 28 fev. 2018.
- MELLO, J. F. (2019), *Outros cantos, começa agora, deusa: as representações de Jasão e a epopeia de Valério Flaco*. Araraquara, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/182254>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- OVERTOOM, N. L. (2020), *Reign of Arrows: the rise of the Parthian Empire in the Hellenistic Middle East*. Nova York, Oxford University Press.
- OVÍDIO (2013), "Heroides". Trad. Wilker Pinheiro CORDEIRO: CORDEIRO, W. P. (2013), *Tópoi elegíacos nas Heroides de Ovídio*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 51-121. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EC-AP-95DJ62/disserta__o_wilker_vers_o_final.pdf?sequence=1. Acesso em: 02 mar. 2018.

- OVÍDIO (2017), *Metamorfoses*. Trad. Domingos Lucas DIAS. São Paulo, Editora 34.
- OVÍDIO (1943), *Obras: Os Fastos, Os amores e A arte de amar*. Trad. Antônio Feliciano de CASTILHO. São Paulo, Cultura.
- OVIDIUS (1907), “Amores”: OVIDIUS (1907), *Amores, Epistulae, Medicamina faciei femineae, Ars amatoria, Remedia amoris*. R. EHWALD. edidit ex Rudolphi Merkelii recognitione. Leipzig, B. G. Teubner.
- PROPÉRCIO (2014), *Elegias de Sexto Propércio*. Trad. Guilherme Gontijo FLORES. Belo Horizonte, Autêntica.
- QUINTILIANO (2009), “Livro X da *Institutio oratoria*”. Trad. Antônio Martinez REZENDE: REZENDE, A. M. (2009), *Rompendo o silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 184-274. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-7U8PNU>. Acesso em: 09 ago. 2016.
- SÉNECA (2013), *Medeia*. Trad. Ana Alexandra Alves de SOUSA. Lisboa, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- SENECA, L. A. (1921), “Medea”: SENECA, L. A. (1921), *Tragoediae*. Ed. Rudolf PEIPER e Gustav RICHTER. Leipzig, Teubner.
- SPENCE, I. (2002), *Historical Dictionary of Ancient Greek Warfare: Historical Dictionaries of War, Revolution, and Civil Unrest*. n. 16. Lanham, Scarecrow Press.
- SPENCE, S. (2011), *The image of Jason in early greek myth: an examination of iconographical and literary evidence of the myth of Jason up until the end of the fifth century B.C.*. Scotts Valley, CreateSpace Independent Publishing Platform. eBook Kindle.
- TÁCITO ([19-?]), *Anais*. Trad. Leopoldo PEREIRA. São Paulo, Tecnoprint.
- TACITUS, C. (1906), *Annales ab excessu divi Augusti*. Ed. Charles Dennis FISHER. Oxford, Clarendon Press.
- YARDLEY, J. C. (1994), “The literary background to Justin / Trogus”: *The Ancient History Bulletin* 8.2 (1994). Disponível em: <https://ancienthistorybulletin.org/downloads/j-c-yardley-the-literary-background-to-justin-trogus-volume-8-pg-60-70/>. Acesso em: 06 maio 2021.
- WATSON, J. S. (1853), “Notice of the Life and Writings of Justin”: JUSTINUS, M. J. (1853), *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*. Tradução para o inglês e notas de John Selby Watson. London, Henry G. Bohn. Disponível em: <http://www.forumromanum.org/literature/justin/english/index.html>. Acesso em: 16 set. 2014.

* * * * *

Resumo: As representações que Jasão recebeu ao longo da tradição literária grega e latina permitiram que o herói assumisse muitas facetas, mas, ao se considerar os aspectos relacionados ao fim de seu relacionamento com Medeia, é frequente sua caracterização como inconstante. Tendo isso em mente, propõe-se uma análise de sua construção no *Epítome das Histórias Filípicas de Pompeio Trogo*, obra dos primeiros séculos de nossa era. Considera-se que a narrativa de seu retorno à Cólquida com o objetivo de devolver o trono a Eetes poderia apresentá-lo como um modelo de virtude ao leitor de Justino.

Palavras-chave: Jasão; Justino; *Epítome das Histórias Filípicas*; *exemplum*.

Resumen: Las representaciones que Jasón recibió a lo largo de la tradición literaria griega y latina permitieron al héroe asumir muchas facetas, pero al considerar los aspectos relacionados con el final de su relación con Medea, es frecuente tildarlo de voluble. Con esto en mente, proponemos un análisis de su construcción en el *Epítome de las Historias Filípicas de Pompeyo Trogo*, una obra de los primeros siglos de nuestra era. Se considera que la narración de su regreso a Cólquida con el objetivo de devolver el trono a Eetes podría presentarlo como un modelo de virtud al lector de Justino.

Palabras clave: Jasón; Justino; *Epítome de las Historias Filípicas de Pompeyo Trogo*; *exemplum*.

Résumé : Les représentations de Jason, tout au long de la tradition littéraire grecque et latine, ont permis au héros de prendre de nombreuses facettes. Cependant, à la fin de sa relation avec Médée, il est souvent qualifié d'inconstant. En gardant cet élément à l'esprit, nous proposons une analyse de sa construction dans l'*Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée*, une œuvre des premiers siècles de notre ère. Nous considérons que le récit de son retour à Colchide, dans le but de rendre le trône à Éétès, pourrait le présenter comme un modèle de vertu pour le lecteur de Justin.

Mots-clés : Jason ; Justin ; *Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée* ; *exemplum*.